

AS REDES MIGRATÓRIAS DE ARGENTINOS EM DIREÇÃO AO TRABALHO SAZONAL NA SERRA GAÚCHA, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

LAS REDES MIGRATORIAS QUE CONECTAN LOS TRABAJADORES ARGENTINOS HACIA EL TRABAJO SAZONAL EN LA SERRA GAÚCHA, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

DOI 10.55028/geop.v20i38

Bruna Unfer Zuchetto*
Alberto Bracagioli Neto**

Resumo: A circulação de trabalhadores temporários na atividade rural é um fenômeno que ganha força em certas fases do ciclo agrícola, como na colheita. Na Região da Serra Gaúcha, Rio Grande do Sul, o Ministério do Trabalho e do Emprego verificou em 2024 que 9% dos trabalhadores eram estrangeiros, com destaque para os argentinos. O objetivo deste artigo é analisar as dinâmicas dessa rede migratória, utilizando dados de entrevistas semiestruturadas e saídas de campo. A travessia entre fronteiras é uma estratégia para a manutenção de suas vidas. Contudo, deve-se fiscalizar para não serem incorporados em trabalhos informais e precarizados.

Palavras-chave: trabalhadores temporários; fluxos migratórios; agricultura.

Resumen: La circulación de trabajadores temporales en la actividad rural es un fenómeno que se impulsa en ciertas fases del ciclo agrícola, como en la cosecha. En la región Serra Gaúcha, Rio Grande do Sul, el Ministerio de Trabajo y Empleo registró que 9% de los trabajadores eran extranjeros, predominando argentinos. El objetivo de este artículo es analizar la dinámica de la red migratoria, utilizando datos de entrevistas semiestruturadas y visitas de campo. El cruce de fronteras es una estrategia para mantener sus vidas. Sin embargo, es necesario monitorearlo

Introdução

Os conceitos migração e trabalho historicamente se relacionam, sobretudo, no contexto do desenvolvimento das sociedades industriais. Sob a luz dos processos de transformação no mercado de trabalho, essa ligação fica mais estreita. Com a globalização, intensificam-se as formas de contratação terceirizada, postos de trabalho flexíveis e em posições precárias. Em escala local, é possível identificar aspectos particulares relativos às estruturas produtivas do mercado de trabalho predominante, além do contexto social e da legislação trabalhista e migratória, que incidem sobre as condições de trabalho (Stefoni, 2017).

As teorias funcionalistas e neoclássicas analisam a migração como uma resposta a fatores de repulsão e atração

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, brunferzuchetto@gmail.com.

** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, abracagioli@gmail.com.

para evitar que caigamos en la informalidad y la precariedad laboral.

Palabras-clave: trabajadores temporales; flujos migratorios; agricultura.



causados por instabilidades econômicas, onde os indivíduos se deslocam em resposta às demandas e possibilidades do mercado. Nessa abordagem, considera-se o imigrante um ator econômico focado no custo-benefício envolvido no deslocamento, considerando geralmente o movimento como uma decisão individual para maximizar a renda, deixando de observar outros fatores que motivam a migração (Castles; De Haas; Miller, 2014; Massey, 1993).

Em contraposição a esse enfoque mais racionalista e econômico, são propostas abordagens mais sistêmicas e que consideram a agência do indivíduo sobre o movimento migratório. Assim, para compreender o fluxo migratório em perspectiva neste estudo, optou-se pelo uso da abordagem das redes, sintetizada por Truzzi (2008) e aplicada ao conceito de cadeias migratórias, proposto por Tilly (1978). Essa abordagem possibilita captar outros atores e elementos multifacetados envolvidos na organização do indivíduo ou grupo em mobilidade. Atentos justamente a compreender essas dimensões, trazemos para a discussão o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu (1983), definido como uma estrutura internalizada que influencia nossos comportamentos, a forma como vemos e agimos no mundo.

Outras classificações dos deslocamentos usadas por Tilly (1978) que podem ser mobilizadas pelo uso da abordagem das redes migratórias são divididas em: locais, quando um indi-

víduo se desloca a um mercado geograficamente próximo e familiar; de carreira, relacionado a oportunidades de trabalho por ocupação que já atua; circulares, quando ocorre o deslocamento de um indivíduo ou unidade social a um espaço por um determinado período estipulado, retornando ao lugar de origem; e por fim, em cadeia, que se refere ao deslocamento de um indivíduo ou grupo motivados por informações de conterrâneos já estabelecidos no local de destino.

O termo cadeias foi proposto em 1960, e a sua concepção refere-se ao momento em que chegam até o futuro migrante informações sobre oportunidades de trabalho existentes e informações adicionais que ajudam na estruturação no local de destino (MacDonald; MacDonald, 1964, p. 82, *apud* Truzzi, 2008). Essa classificação mostrou-se pertinente para analisar o presente estudo, assim como uma breve apresentação das relações históricas entre as regiões fronteiriças do Sul do Brasil e nordeste da Argentina, onde se teceu uma cadeia migratória construída por múltiplos atores, institucionais e informais. Essas novas rotas migratórias registradas entre países da América Latina ganharam a terminologia migrações Sul-Sul (ACNUR, 2019).

Nas possibilidades de deslocamento e da sazonalidade característica do campo de pesquisa em questão, manteve-se contato com trabalhadores sazonais argentinos, que estão inseridos em uma rede migratória em direção à colheita da uva na Serra Gaúcha. Dois encontros presenciais permitiram conhecer a história de vida desses trabalhadores, e estabelecer uma relação com quem foi a principal interlocutora desta pesquisa: Marines, uma mulher, mãe e avó, de 50 anos, trabalhadora rural não-assalariada, de origem argentina. Mantivemos contato via rede social ao longo de um ano, processo que possibilitou ter uma maior dimensão das estratégias percorridas por Marines. Os encontros ocorreram durante a safra da uva em fevereiro de 2024, e outro, nesse mesmo período, em 2025. Os relatos trazidos neste trabalho são desta trabalhadora e de alguns colegas que também faziam safra na ocasião, todos argentinos originários da Província de São Pedro, nordeste de Misiones. A partir dos relatos e anotações do caderno de campo, se fez necessário obter informações secundárias complementares que ajudaram a caracterizar os contextos envolvidos na pesquisa e aprofundar a interpretação.

Uma fronteira permeável

Desde a gênese, o Território Nacional de Misiones (1881-1953) foi foco de disputa e ocupação pelos Estados Nacionais fronteiriços Paraguai e Brasil, devido à posição estratégica e os recursos naturais missioneiros. Essa proximidade territorial vinculou Misiones a esses outros espaços mediante o deslocamento das pessoas que habitam os dois lados do rio Uruguai.

Figura 1. Fronteira entre Misiones, Argentina e Rio Grande do Sul, Brasil

Fonte: Produzido pela autora no Software Qgis.

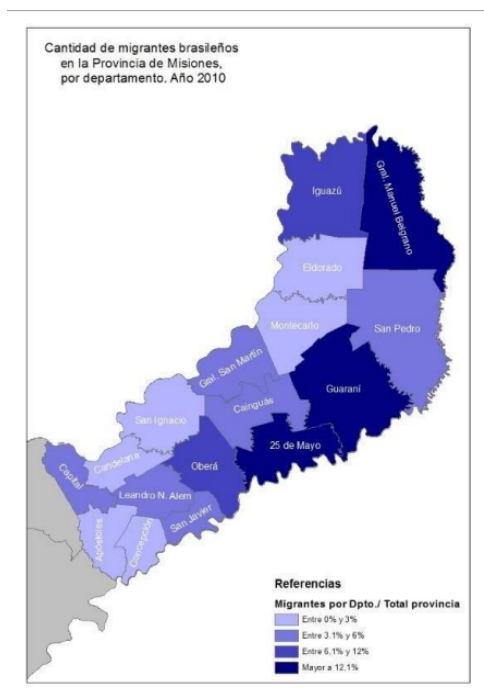
É nesse contexto que as autoras Zang e Oviedo (2024, p.3) situam Misiones como uma Região de Fronteira, um espaço de intercâmbio entre povos e suas culturas:

Una territorialidad transfronteriza caracterizada por redes de relaciones económicas que se mantuvieron y reactualizaron permanentemente a partir del trazado de vínculos de parentesco, amistad, paisanaje, etc. entre los sujetos y grupos involucrados en las prácticas de la vida cotidiana.

A presença de brasileiros habitando a província de Misiones é datada desde o fim do século XIX. A atividade econômica de extração da madeira prevalecia e era incentivada, servindo como fator de atração de famílias rurais do sul do Brasil, que buscavam terra e trabalho, enquanto essas indústrias ofereciam lotes de terra em troca de força de trabalho (Schiavoni, 1995). Já em 1960, o Brasil sofre o avanço do latifúndio e do agronegócio, responsável por uma reorganização do espaço agrário do país, aumentando a ocupação de brasileiros em terras argentinas. Até hoje o território da província conta com essa presença (Vimos que a migração de Misiones se beneficiou da migração espontânea de brasileiros, inserção que permanece até hoje “lá na argentina onde nós moremo ali, hay muito brasileiro” (Marines). Os dados expostos na figura 2 demonstram essa inserção.

A partir de dados obtidos em sua pesquisa de campo, Mariana Wagner (2019) investiga agricultores da Região do Alto Uruguai Misionero, donde “las familias ingresaron y llevaron adelante la ocupación mediante redes domésticas informales, sin un plan de acción organizado”. Esse relato dá pistas sobre a presença de relações sociais entre migrantes que podem ter impulsionado esse fluxo migratório.

Figura 2. Migrantes brasileiros por departamento, em Misiones



Fonte: Mariana Winikor Wagner, 2019, com base de dados INDEC, Censo Nacional de Población 2010.

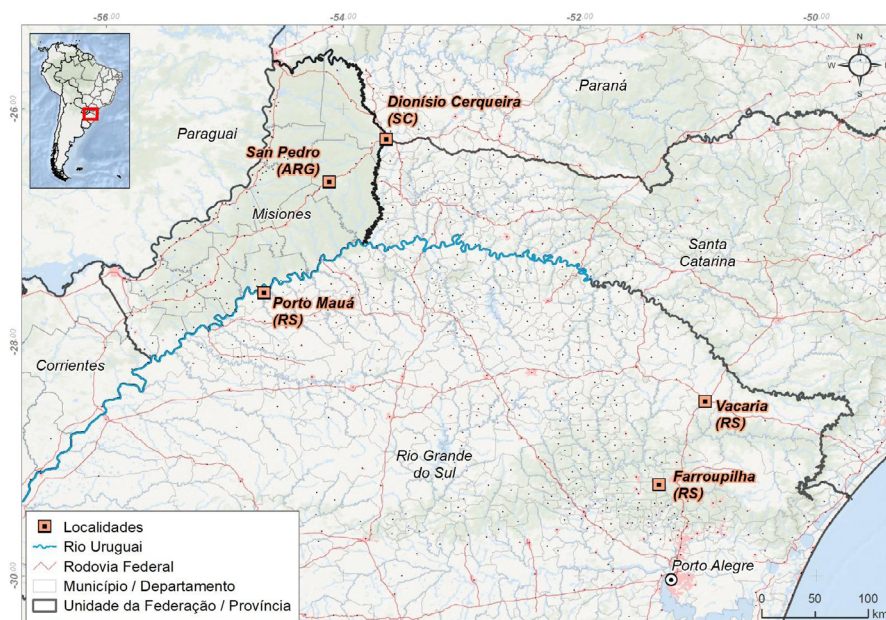
Na sua pesquisa, Wagner (2019) traz o relato de um agricultor sobre uma migração local da época “hacían un rozadito y se metían. Así empezaron a poblar la zona. Después comenzaban a venir parientes, conocidos” (H.W., 66 años, agricultor).” Os pais da interlocutora, M., são brasileiros que imigraram para Argentina quando ela era apenas uma criança, por isso também a fluidez com que fala o português, até mesmo nos momentos em que este se confunde com o espanhol “aprende desde criança vai aprendendo o castelhano e o português juntos, oportunhol” (Marines).

Também instiga a pensar a ocorrência de um fenômeno transgeracional de atrever-se a migrar, vida dos seus pais no passado e está presente nas estratégias de vida das filhas no presente. Essa reflexão surge a partir do relato sobre a pri-

meira migração laboral da trabalhadora Marines, num processo característico de migração em cadeia e circular:

Primeiro veio a minha irmã com o marido dela, depois eu vim com ela, a primeira vez tivemos 45 dias trabalhando na colheita do pêssego. Depois empecé cosechando manzana, en la Schio, Vacaria, después empecé cosechar uva.

Figura 3. Cidades que fazem parte da rede migratória



Fonte: Produzido pela autora no Software Qgis.

A teoria do *habitus* (1982), apresentada por Bourdieu, permite analisar essas similaridades entre os sujeitos sociológicos inscritos em uma mesma trajetória social ou estrutura de classe, trazendo para a análise as características do comportamento individual e subjetivo, e também estrutural e condicionado socialmente (Bourdieu, 1983). Nesse caso, a história familiar relatada por Marines, carrega junto marcas da migração, ou seja, um sistema de disposição que opera a partir das estratégias e práticas recorridas pelos indivíduos para fazer a manutenção de suas vidas.

A adaptação ao tipo de trabalho realizado também compõe esse *habitus* que se molda a uma condição, de tal maneira:

Eu pensava não vim mais, porque é bastante feio a colheita do pêssego, porque é bastante complicada né, mas depois eu já comecei a gostar mais. Sempre trabalhei né, pero em outras coisas. A colheita da erva é uma coisa muito brava pra gente colher (Marines).

Figura 3. Trabalhador agachado para colher uvas



Fonte: Registro de campo, 2025.

Na ocasião, trabalhavam com Marines seus dois filhos, com idade entre 30 e 35 anos, pela primeira vez na safra da uva “o mais grande já tinha vindo a Caxias, pero faz muitos anos” (Marines). Já na safra da uva do ano seguinte, quando nos encontramos de novo, seus filhos conseguiram um emprego fixo, um deles no Brasil. Naquele ano, apenas uma pessoa que trabalhava na colheita era próxima de M., “com esse ali eu já trabalhei, já trabalhamos desde que vim a primeira vez eu já trabalhei com ele, já é conhecido de muito tempo, daí já cambia as coisas”.

Creio ser possível neste ponto tecer uma aproximação entre o uso do conceito de *habitus* e a abordagem das redes migratórias. A migração incorporada na história de vida de um mesmo tronco familiar, ou o trabalho sazonal temporário posto em prática por um grupo do mesmo contexto social e em determinadas conjunturas. São estratégias que criam e mantêm um fluxo migratório sendo reforçadas a partir de uma experiência individual, mas também compartilhada, e com isso têm a potência de se retroalimentar: “acá se encontra muitas pessoas que tavam no ônibus. [...] Não é só aqui em Farroupilha. Por toda parte tem argentino trabalhando, como tem muitos que tão na cidade trabalhando em restaurantes” (Marines, 2024).

No que diz respeito às informações pertinentes ao processo migratório, como tipo de trabalho e condições de moradia, esta chega por meio de redes com diferentes graus de alcance, ou seja, pode abranger o núcleo familiar como se espalhar por determinada microrregião (Truzzi, 2008). A confiabilidade dessas informações vai depender do grau do laço existente entre o informante e os receptores, se esta

provém de um laço forte ou fraco. No presente estudo, as informações sobre o trabalho sazonal na Serra Gaúcha chegaram até Marínes por sua irmã, sendo que esta relação é definida como uma rede social primária, como a mesma relata:

En Argentina tiene muchos que estan trabajando en Brasil, y ahi, de un consegue contacto con otro, y van juntando gente de la y van comunicando até donde chega muitas pessoas, até que chega em muitas pessoas o contato do patrão, e ai é onde vão juntando gente de lá, onde vão se comunicando entre um e outro. Sempre tem um que tem, digamos, o meu contato e vai dá pra ele. E é onde a gente se fala viu, porque a gente lá busca um trabalho no Brasil.

A existência dessa rede social primária com informações pertinentes ao emprego da migração possui um nível de confiabilidade que passam e têm a capacidade de alimentar o fluxo migratório.

A mobilização de mão de obra migrante a partir de aspectos produtivos

A migração Misiones-Serra Gaúcha retrata duas regiões que praticam uma agricultura distinta, com características culturais e sociais locais. Cada modo de produção produz também um mercado de trabalho agrário específico, que resulta numa variação da demanda de mão de obra e na característica dessa força de trabalho, se é especializada ou não.

Na Argentina, a erva-mate é a atividade de produção primária que demanda uma extensa mão de obra, além de possuir uma larga janela de colheita, de março a setembro (Pesquisa de campo, RAU, 2012).

Como na maioria dos mercados de trabalho agrícola, devido às características transitórias e informais comuns no trabalho envolvido, não se encontram dados precisos de quantas pessoas se ocupam na colheita, mas as entidades sindicais estimam que gira entre 15.000 e 30.000 trabalhadores por temporada (RAU, 2012). Esses trabalhadores são chamados de *tareferos*, no português equivale à tarefa, quando o trabalho é realizado em determinado período, em troca de algum tipo de salário. A presença dessa atividade no cotidiano dos trabalhadores é expressa pelo trabalho Andres (2024):

Quem não tem trabalho seguro que trabalha na cosecha da erva. Que é um trabalho pesado também. Mas agora estão peleando la porque querem pressionar a erva. Querem aumentar o preço na erva. As empresas que comprem a erva não querem pagar o preço que pede o produtor. R\$2,50 o kg. 500 pesos.

Procuramos buscar informações sobre a situação econômica relatada pelo trabalhador, e encontrou-se uma notícia em um jornal digital sobre em janeiro de 2024, que divulgava os encaminhamentos de uma assembleia dos produtores

de erva-mate, exigindo por pagamentos mais justos pelo produto por parte da indústria. Como medida, anunciaram que não iriam colher a erva-mate por uma semana, em busca de pressionar um reajuste na tarifa.

O trabalhador consciente de si e das transformações sociais que impactam a demanda por trabalho

Eles não se dão conta que quem perde é quem tem produção e quem quer trabalhar. Não se dão conta que como aqui eles precisam de gente pra trabalhar, mas eles não fazem um monte de papel, eles não conseguem gente pra trabalhar. E daí arruina pra nós, que queremos trabalhar e eles perdem a produção se eles não contratam.

Na Serra Gaúcha, entre as atividades agrícolas predominantes está o plantio de uva em propriedades familiares e cooperadas. Contudo, a mão de obra familiar não é suficiente para alguns períodos críticos do ciclo agrícola, como a colheita, chamado de período da safra, que na região ocorre entre os meses de dezembro até meados de março. Então, torna-se necessário o emprego de mão de obra externa temporária, para vencer a demanda de colheita no momento em que a uva apresenta as características ideais para ser colhida.

Durante as conversas com produtores de uva e outros agentes do setor da vitivinicultura, foi relatado o caráter cultural e histórico dessa demanda ser atendida mediante força de trabalho oriunda de cidades menores do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, mas também do deslocamento de trabalhadores nordestinos.

O modo produtivo dessas culturas agrícolas está sujeito a utilização da mecanização de algumas etapas, principalmente a colheita. Na produção de uva da Serra Gaúcha, essa tecnologia é mais complexa de ser empregada devido às características topográficas do local, com grandes declives. Por outro lado, parece uma realidade cada vez mais comum as bases da produção agrícola missioneira, como a mecanização do té (chá) e da atividade florestal, que vem intensificando a substituição da mão de obra humana por máquinas.

Dinâmica da travessia e o trabalho sazonal da Serra Gaúcha

Ao terem acesso ao corredor migratório e às informações de trabalho e possibilidades oriundas da mobilidade, se começa de fato o movimento em direção ao destino. Em um contexto migratório internacional, algumas normas precisam ser observadas para garantir os direitos dos trabalhadores. Porém devido à demanda sazonal e imediata por mão de obra na área rural, são produzidas relações de trabalho sujeitas a um mercado de trabalho informal, que não garante necessariamente ao trabalhador direitos trabalhistas e condições de trabalho adequadas.

No contexto analisado, as relações de trabalho constituídas podem ser asseguradas pelas convenções entre os países do Mercosul, que permitem que migrantes dos países envolvidos no acordo possam transitar livremente entre as fronteiras e obter trabalho formalizado. No entanto, o que tem se visto nos dados primários e secundários é que os fluxos migratórios atuais estão relacionados com a documentação dos migrantes. Quando questionados sobre a lacuna entre emissões de CPFs para a regularização do trabalho no Brasil, aparece um conflito entre a viabilidade de manter a estrutura social no país de origem quando submetido às normas trabalhistas no país de destino e na relação entre estes, como relata Andres:

[...] se eles fazem esse cpf eles perdem esse salário lá. Esse salário sobretudo é pra gente que não tem pra comer, que não tem trabalho. E se a gente vai pra fora trabalhar em blanco, informal, é porque é a necessidade da pessoa. Muita gente se confia nesse salário.

Em 2023, na Serra Gaúcha, uma denúncia feita para a Polícia Federal através de trabalhadores sazonais da colheita da uva resultou na implementação de uma Operação de Fiscalização chamada “*In vino veritas*”. Durante a safra da uva em 2024 e 2025, até o momento, visando verificar as condições de trabalho nos vinhedos e o cumprimento das normas trabalhistas. Os dados dessa Operação divulgam a ocorrência de um fluxo migratório de trabalhadores em direção ao trabalho nos vinhedos, em que 9% do contingente de trabalhadores é imigrante, 53% do estado e 38% de fora do estado.

Embora a origem não esteja discriminada nos gráficos divulgados pelo relatório, os auditores fiscais do trabalho Lucilene Pacini e Rafael Zan (2024), possuindo acesso aos dados, relata que o maior fluxo de estrangeiros verificado foi de argentinos, entrando na maioria por Dionísio Cerqueira/SC. Essa fiscalização teve impacto no fluxo migratório dos argentinos para o Brasil “[os argentinos] não vêm sem o cpf porque os patrão não estão aceitando sem os papel. No ano passado aceitavam, esse ano não” (Andres).

Ano anterior não tinha nada porque não pediam mesmo. Ai no ano passado quando nós já tava nos últimos dias por viaja, que daí foi quando empezo o problema esse ai sim tinha que ter carteira assinada pra trabalhar.

Os dados mostram que o pacto da uva e a operação de fiscalização provocaram mudanças na forma de contratação e formalização dos vínculos empregatícios dos safristas, saltando de 2.006 Pessoas Físicas registradas em 2023 para 8.396 em 2024. Uma vez que o caso de 2023 esteve relacionado com uma empresa terceirizada e a agenda política firmada na cadeia da viticultura local se esforçou em conscientizar os agricultores em registrarem os trabalhadores, a preferência por Pessoa Física foi expressiva.

Pacini e Zan (2024) observam uma lacuna entre as emissões de CPF - documento necessário para a formalização do vínculo empregatício - e as normas para a regularização de vistos de trabalho. No caso da solicitação de emissão ser feita via Polícia Federal “é mais complicado de fazer [...] daí de mais dias pra fazer e daí tu tem mais gasto também pra fazer esses papeis” (Marines).

Com prazos distintos, a emissão do CPF por parte da Secretaria da Receita Federal do Brasil, é relativamente rápida. Marines explica a rotina para emitir o documento:

[se faz] Na fronteira. Esse tem que sacar um dia específico pra fazer. Nós incluso fomos três vezes pra sacar o cpf. Fomos la um dia, ficamos quase uma tarde e não deu. Porque onde fomos tinha cupos (fichas), quatro de manhã e quatro de tarde, oito no dia. Pior para nosotros porque vivimos lejos de la frontera, e ai teníamos que hacer la viaje otra vez otro dia.

Além disso, os custos para a obtenção do documento são arcados pelos trabalhadores.

Em Porto Mauá também fazem. É mais longe, é mais caro a passagem pra ir até lá, pero tu vai en madrugada e de meio dia já tá. É mais ligeiro pra fazer. Foi onde eu consegui contato com uma mulher que também tá trabalhando no brasil, daí ela me disse que ela levou la a gentarada pra fazer. Ai eu avisei eles pra fazerem.

Situações como essas refletem no fluxo migratório Misiones-Rio Grande do Sul, ao exporem certas tendências nas condições de trabalho ofertadas. No entanto, isso parece depender do grau de confiabilidade com o informante, conforme Marines “porque eu até de agora dos companheiros que eu sei que vieram trabalhar pro Brasil, porque eu tenho muito conhecido que veio trabalhar no Brasil, nenhum se queixou disso aí.”

Esses aspectos revelam a existência de um dilema para os trabalhadores, que precisam equilibrar a necessidade de regularização com as estratégias de sobrevivência em seus países de origem.

Considerações finais

O presente estudo debruçou-se sobre a complexa dinâmica das redes migratórias de trabalhadores sazonais argentinos em direção à Serra Gaúcha, no Rio Grande do Sul, com foco especial na colheita da uva. A pesquisa desvendou camadas de interações sociais e estratégias individuais e coletivas que moldam a experiência desses migrantes.

O caso da migração sul-sul de trabalhadores argentinos para a colheita no Rio Grande do Sul, nos permite observar o impacto dos aspectos produtivos e das transformações sociais do campo na formação de um fluxo migratório internacional. A investigação das diferenças produtivas entre as regiões (erva-mate vs. uva) ilustra como as complementaridades econômicas e as distintas demandas de mão de obra geram uma rede migratória interdependente, onde as crises e oportunidades de um lado da fronteira impulsionam o fluxo para o outro. Contudo, mesmo estando em contexto socioeconômico desfavorável, apenas isso não produz o trabalhador migrante. A pesquisa demonstrou o papel das redes sociais como canais de informação, suporte e mobilização, que funcionam como motor para a formação de uma rede migratória sazonal.

Destaca-se que a manutenção dessa rede migratória é fortalecida a partir de laços fortes de confiança, aspecto crucial para a resiliência e continuidade desses fluxos, demonstrando que a agência dos migrantes é profundamente socialmente enraizada e relacionam-se nas dinâmicas de mobilidade a partir comportamentos e práticas dotados de uma matriz cultural e de saberes que compõem as estratégias de manutenção de vida.

Por fim, se insiste que as condições de trabalho nas cadeias produtivas sejam fiscalizadas, para que postos de trabalho em que se inserem os migrantes não perpetuem situações de vulnerabilidade e condições precárias que afetam duplamente a figura do migrante trabalhador.

Agradecimentos

Agradeço especialmente a trabalhadora Marines, que me recebeu em duas safras diferentes, me confiando suas histórias. Ao professor Alberto Bracagioli por me incentivar na pesquisa e trilhar cada vez mais longe. Agradeço também ao Seminário de Estudos Fronteiriços e a Association for Borderlands Studies por possibilitar que essa pesquisa chegue além das fronteiras sul-brasileiras.

Referências

- ACNUR. **Tendências Globais**: deslocamentos forçados em 2019. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/>. Acesso em: 10 jul. 2025.
- BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. Organização de Renato Ortiz. São Paulo: Ática, 1983.
- CASTLES, Stephen; DE HAAS, Hein; MILLER, Mark J. **The age of migration**: international population movements in the modern world. 5. ed. New York: The Guilford Press, 2014.
- MASSEY, Douglas *et al.* Theories of International Migration: A Review and Appraisal. **Population and Development Review**, v. 19, n. 3, p. 431-466, 1993.

PACINI, Luciane; ZAN, Rafael. Operação In Vino Veritas: a atuação da Inspeção do Trabalho no Setor Vitivinicultor na Serra Gaúcha. **Revista da Escola Nacional da Inspeção do Trabalho**, ano 8, p. 455-491, 2024.

SCHIAVONI, Gabriela O. M. **Colonos y ocupantes**: parentesco, reciprocidad y diferenciación social en la frontera agraria de Misiones. Misiones: Editorial Universitaria, 1995.

STEFONI, Carolina; LEIVA, Sandra; BONHOMME, Macarena. Migración internacional y precariedad laboral. El caso de la industria de la construcción en Chile. **REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, v. 25, n. 49, p. 95-112, abr. 2017.

TILLY, Charles. Migration in modern European history. In: MCNEILL, William H.; ADAMS, Ruth S. (Orgs.). **Human migration**: patterns and policies. Bloomington: Indiana University Press, 1978. p. 48-72.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199-218, 2008.

WAGNER, Mariana W. **Sembrar vecinos, cultivar parientes, cosechar hogares**: estrategias domésticas en familias agrícolas del Alto Uruguay a inicios del siglo XXI. 2019. Tese (Doutorado) – Universidad Nacional de Misiones, Posadas, 2019.

ZANG, Laura M.; OVIEDO, Norma. Território, fronteira e imigração. A erva-mate no processo de colonização em Misiones-Argentina. **Geografia em Questão**, Associação de Geógrafos Brasileiros, v. 17, n. 1, p. 1-17, 2024.